

Jucutuquara: um bairro consolidado

Sem organização popular, Jucutuquara, o primeiro bairro projetado de Vitória, vive, hoje, basicamente, do seu passado. Com uma população estimada em aproximadamente 4 mil habitantes, seu maior problema, é o assoreamento da galeria situada na avenida Paulino Muller, morosamente desobstruída pela prefeitura há aproximadamente quatro meses. E é justamente este bairro, próximo ao centro da cidade e aparentemente tranquilo, que será visitado hoje, a partir das 8 horas, pelas equipes de rádio, jornal e televisão da Rede Gazeta de Comunicações, dentro do projeto "Gazeta nos Bairros".

A prefeitura considera o bairro "consolidado" e reconhece que o que mais incomoda a população é realmente a galeria. O secretário de Obras, Humberto Vello, que hoje estará no local ouvindo a população (a assessoria de imprensa da prefeitura garantiu que irão também até o bairro o secretário de Serviços Urbanos, Ornóbio Camata, e o chefe do Departamento de Transporte Coletivo, José Pereira das Graças), explicou que a retirada da enorme quantidade de areia depositada no fundo da galeria vem sendo feita através de um processo manual, e, portanto, demorado.

ENCHENTES

Os moradores se queixam das enchentes, provocadas em virtude das chuvas e da falta

de vazão da galeria. A exceção desse fato, o que se percebe no local é um forte saudosismo, num bairro projetado no ano de 1896, por Muniz Freire, então presidente da província, para abrigar funcionários públicos e operários. Homem de visão futurista, ele projetou Jucutuquara para possibilitar a expansão de Vitória através da zona norte, mas, sem verbas, seu projeto só foi executado em 1928, por Florentino Avidos.

Aí, ruas e casas foram construídas e o bairro tomou forma. As lembranças dos moradores ouvidos ontem não chegam a um tempo tão distante. Eles lembraram mesmo de Jucutuquara de 30 anos atrás, ponto final da linha do bonde e ainda hoje área de concentração da maior torcida do Rio Branco Atlético Clube. É ali que está radicada a maioria dos integrantes da "Legião Capa Preta".

Atharê Stamato da Fonseca e Castro, morador há 33 anos, filho da primeira diretora da Escola de Música do Espírito Santo, Ricardina Stamato, e ex-vereador de Vitória, pelo PDS, conta, saudosista, os tempos em que casais enamorados se encontravam à beira do canal — então aberto — que cortava a Paulino Muller. Havia ali, segundo ele, pequenas pontes e uma iluminação com globos. Ele lembra, também, o único cinema do bairro, o

Trianon, fechado há 15 anos e que exibia, com sofisticação, muitos filmes franceses.

Jucutuquara perdeu, com certeza, um pouco de sua tradição com a venda do estádio Governador Bley, do Rio Branco, na década de 70, para a Escola Técnica Federal do Espírito Santo, outro grande orgulho de seus moradores. Do estádio quem se lembra com detalhes é o ex-diretor de árbitros da Federação Desportiva Espírito-Santense, Mauro Félix Guimarães, há 34 anos no local. "Os clássicos entre Vitória e Rio Branco lotavam o estádio e eu apitei muitos deles", recorda.

Mauro Félix fala com entusiasmo dos tempos em que todos ali se conheciam e a praça central era ponto de encontro de moços e velhos. "Hoje ela perdeu sua doçura, assim como Jucutuquara perdeu todo seu encanto. Muitos dos veteranos saíram e o que existe de lazer nesse bairro são alguns poucos botecos", comenta indignado.

Ali está também a Companhia União Manufatora de Tecidos, há anos instalada no local. O museu Solar Monjardim é peça importante, com a imponência que mantém. O solar está instalado em Jucutuquara, velho feudo construído pelo capitão-mór Francisco Pinto Homem de Azevedo. O museu retrata a reconstrução de uma residência rural do século XIX. Os Monjardim chegaram até ele através

do casamento da filha de Pinto Homem Azevedo com o coronel José Francisco Monjardim de Andrade e Almeida.

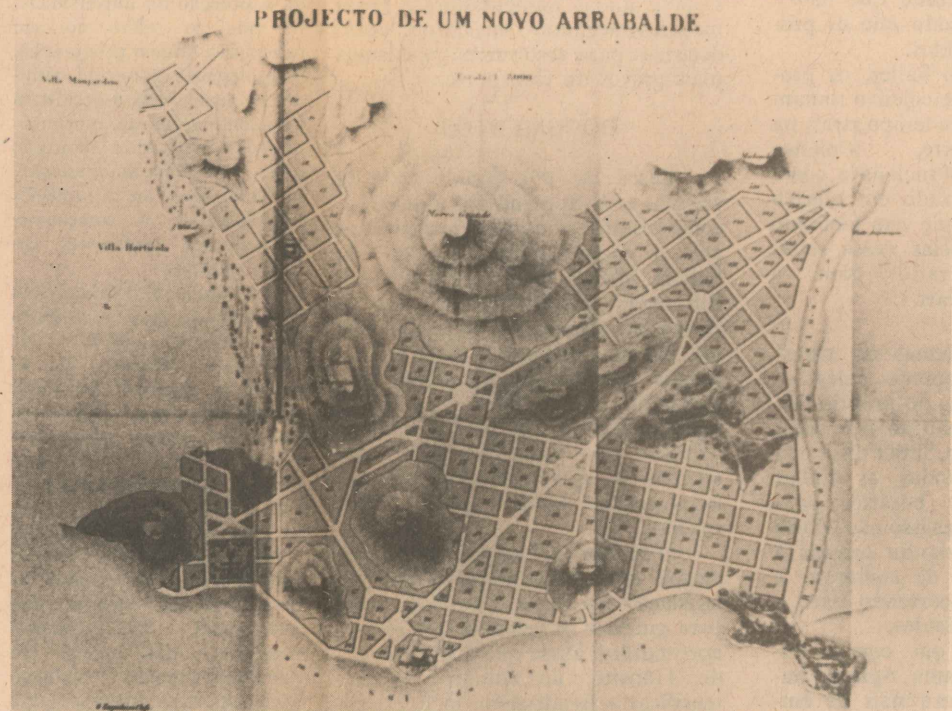
Contrastando com a população local, basicamente constituída de famílias de classe média, estão os moradores do morro do Cruzamento, muitos deles assistidos pela Obra Social Nossa Senhora das Graças, conveniada com o colégio Salesiano e onde atuam as senhoras do bairro, a exemplo de dona Maria José Pinto, professora aposentada. Além da Escola Técnica Federal, não existe outro estabelecimento público de ensino e o bloco Unidos Jucutuquara, mesmo sem quadra para ensaios, é tradicional no Carnaval capixaba.

A igreja São Sebastião tem missas matinais diariamente e o mercado de mesmo nome, construído em 1949, antigo ponto de encontro da população, hoje não tem tanto significado na vida das famílias ali residentes. "Aqui havia uma tradicional procissão na festa de São Sebastião que acabava com um leilão, estendendo-se até o raiar do dia. Tudo se revertia em favor da igreja. Hoje nem isso há mais", lamenta Mauro Félix.

José de Anchieta Fontana, ex-jogador de futebol capixaba, já falecido, que integrou a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1970, era filho de Jucutuquara, assim como o é o jornalista Carlinhos Oliveira.



Jucutuquara é um bairro tranquilo e sem mobilização popular



Muniz Freire fez o projeto, executado por Florentino Avidos



Jucutuquara sempre foi bem atendido